Ocupação de Espaços Físicos e Comunicacionais Pelos Movimentos Sociais Imigrante, Sem Teto e Campesino: Militância, Registro Documental e Comunicação Participativa[1]

André Aparecido MEDEIROS[2]
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Bauru, SP

Resumo

A pesquisa contextualiza dois trabalhos envolvendo ocupações: *Era o Hotel Cambridge* (Eliane Caffé, 2016); *MST repudia assassinatos no Paraná* (MST, 2016). São estudadas contribuições do audiovisual para a comunicação interna e a organização de um movimento social. Considerações sobre codificação e decodificação contribuem para a interpretação. A investigação possui base on-line, audiovisual e bibliográfica, abrangendo: comentários na página do vídeo do MST; informações dos movimentos e das produções conferidas pelas páginas oficiais; informações coletadas nos vídeos analisados; considerações de pesquisadores e jornalistas. Ao melhorar o entendimento de objetivos comuns entre membros do movimento, e a percepção do local de fala comum e do posicionamento social compartilhado, o audiovisual atua em conjunto com outras possibilidades da militância, conferindo reflexão política e resistência.

Palavras-chave: movimentos sociais; ativismo; audiovisual; registro documental; ocupação.

Introdução

Este trabalho tem como objetivo principal entender a articulação de movimentos sociais a partir de dois produtos audiovisuais, identificando aspectos de sua produção ou de sua recepção que apontem para o diálogo entre audiovisual e movimento social. Cinema e vídeo além de contribuírem no contato entre movimento social e sociedade também atuam na comunicação interna de um movimento. Importa perceber como a experiência propiciada pelo audiovisual pode ampliar o entendimento de objetivos comuns, a reflexão política e a resistência, envolvendo a militância.

Os movimentos sociais não devem ter sua compreensão limitada à associação entre pessoas com a mesma percepção da realidade, repercutindo na equivalência de reivindicações; eles possuem identidade, opositor, atuação em rede, impulsionando a criatividade e a inovação sociocultural (GOHN, 2011). Como qualquer identidade, as

[1] Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, XVII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Mestrando no Programa de Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista (Unesp), e-mail: moinhodeversos@gmail.com

identidades de um movimento social não são estáticas e se situam em um contexto, atuando na organização e na noção de pertencimento (GOHN, 2011). Unidos e organizados com propostas de intervenção social, os movimentos sociais contribuem na organização e conscientização da sociedade, visando à democracia, com ações, atualmente, em prol da sustentabilidade (amplo contexto) e do reconhecimento da diversidade cultural (GOHN, 2011).

Para além do grupo numérico, os movimentos sociais possuem pretensões no contexto da esfera pública, de modo a viabilizarem, por meio de ações sociais coletivas, diferentes modos de a população se organizar. A organização da mobilização se fundamenta em diferentes estratégias, podendo envolver, conforme Gohn (2011), denúncia, pressão indireta e pressão direta, estando inclusas, por exemplo, marchas, concentrações e ocupações.

Observando formação, apropriação e efeito de mensagens, poderá ser analisada uma parcela de impactos audiovisuais sobre movimentos sociais. Nesse processo, procura-se dimensionar: como a produção e o audiovisual contribuíram para a comunicação interna, em cada grupo; características que apontem para contribuições da produção do filme quanto à organização do movimento social. Estão envolvidos: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), e movimentos de pessoas sem teto, incluindo imigrantes.

Os movimentos mencionados fazem uso da ocupação de espaços como forma de militância. A ocupação é uma pressão direta fundamentada na união, que busca o despertar para a legitimidade da causa social (STEDILE; FERNANDES, 1999). Possui espaço de destaque entre as formas de militância de movimentos campesinos e de pessoas sem teto. Por vezes a ocupação apresenta um enquadramento condenatório por parte da mídia, em um cenário que torna nítido o potencial da comunicação popular, tanto na possibilidade de alcançar o público com um panorama, por vezes, voltado ao olhar do movimento social, como na pressão que pode exercer, frente aos grupos hegemônicos, no contexto do crescimento do consumo de conteúdos alternativos.

Movimentos Sociais e a Articulação em Redes no Contexto da Comunicação

Com a chegada do novo milênio até a atualidade, permanecem surgindo novos tipos de movimentos sociais na América Latina, com diferentes demandas, identidades e repertórios. Dentre eles, como aponta Gohn (2011, p. 344): “emergiram com força movimentos com demandas seculares como a terra, para produzir (MST) ou para viver seu

modo de vida (indígenas)." Também do ponto de vista da comunicação, outros movimentos e projetos foram sistematizados na América Latina no período, buscando analisar criticamente a produção midiática envolvendo diversos teóricos e comunicadores, tais quais: Juan Dias Bordenave, Mario Kaplún, Daniel Pietro, Antonio Cabezas (GABBAY; PAIVA, 2010).

Dentre as novidades criadas no campo da organização popular está a atuação em redes. Gohn (2011, p. 337) destaca a articulação "em redes compostas de movimentos sociais globais ou transnacionais, como o Movimentos dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) no Brasil e a Via Campesina, além da Coordinadora Latinoamericana de Organizaciones del Campo (CLOC)". Registra também (p. 338) "a ampliação das fronteiras dos movimentos rurais, articulando-se com os movimentos urbanos." No caso do MST, além de fazerem uso do espaço urbano em muitas manifestações, suas redes de articulação nas cidades incluem "a participação de desempregados e moradores de ruas, nos acampamentos do MST, movimentos dos pequenos produtores agrários, Quebradeiras de Coco do Nordeste etc." (GOHN, 2011, p. 346). No ponto de vista da comunicação, já se pensa na capacitação para a produção de mensagens (GABBAY; PAIVA, 2010), fator contribuidor para a organização de movimentos sociais.

No âmbito dos movimentos sociais no novo milênio, Gohn (2011) cita os movimentos pela moradia, com articulação de rede sociopolíticas, abrangendo intelectuais de centro-esquerda e movimentos populares do tema urbano. Dentre suas participações, Gohn (2011, p. 345) aponta as "redes de movimentos sociais populares dos Sem-Teto (moradores de ruas e participantes de ocupações de prédios abandonados), apoiados por pastorais da Igreja Católica e outras".

Refletindo a história da América-Latina, notadamente atrelada ao relacionamento (incluindo de exploração) entre identidades, culturas e classes, notam-se ainda hoje reflexos de prejuízos de uma inadequada relação existente no passado, incluindo a concessão de direitos, o sucateamento do ensino, a distribuição de terras e as políticas habitacionais. Observa-se, também, a geração e reprodução de opressões características do atual momento histórico.

A mídia abrange um importante canal da geração, reprodução e da possível discussão de tais opressões. Certas imagens e imaginários formulados e veiculados pela mídia, são consideráveis, atuando na ampliação de percepções acerca de movimentos sociais e na própria articulação de movimentos, em um contexto favorecido com a ampliação das possibilidades de produção e de consumo. Assim sendo, para formular

conteúdo que possibilite o engajamento, a comunicação midiática deve entender a importância de sua inserção social a partir da influência que exerce.

É decisivo o papel da comunicação popular para a cidadania, implicando o rompimento de uma lógica de dominação, feita a partir do povo, que, dentro das possibilidades, compartilham seus próprios códigos (GIMÉNEZ, 1979[3], citado por PERUZZO, 2006). "Todo esse processo de participação popular foi possibilitado, sobretudo, pelo barateamento das tecnologias, bem como a criação de tecnologias de simples manuseio, desde os jornais operários [...] até o surgimento da internet." (CARVALHO, 2012, p. 30).

A mídia de participação popular na criação de mídias radicais, conforme Carvalho (2012, p. 34), também pode incluir produtos artísticos e produtos sem uma "linguagem de chumbo", criando, assim, "meios que são contra-informativos sem perder a ternura", como no caso das mídias táticas e dos "artvistas". A autora (p. 37) aponta que, aliada aos movimentos sociais, a resistência "em vídeo pode assumir características que são tanto contra-informativas, quanto artísticas, uma vez que se apropria de uma linguagem audiovisual, que precisa ser também estética".

As práticas de protesto em vídeo, de acordo com Downing (2004[4], citado por CARVALHO, 2012), começam a ganhar fôlego no final do século XX, por conta da acessibilidade, qualidade e barateamento das câmeras e de equipamentos de edição, diversificando a produção. "Assim, a partir da emergência de uma mídia audiovisual contestatória e principalmente democratizada foram surgindo conglomerados de vídeo/cinema com perspectivas contra-hegemônica" (CARVALHO, 2012, p. 37). Com o uso do vídeo, a conscientização já trilhada na américa latina por meio de programas, campanhas e manuais encontram novas possibilidades de ativismo e de engajamento, possibilitando organização e fortalecimento de um movimento social.

Como dito por Canclini (2002), os meios de comunicação de massa formam a principal via de contato com a diversidade de conteúdos e referências. Há uma ênfase no audiovisual, pois seu acesso foi se alastrando de modo que as pessoas passaram a consumir mais imagens e referências que não fazem parte do universo simbólico do local ao qual pertencem ("meu território, minha nação").

[3] GIMÉNEZ, Gilberto. Notas para uma teoria da comunicação popular. **Cadernos CEAS**. Salvador: CEAS, n.61, pp. 57-61, maio-jun. 1979.

[4] DOWNING, John. **Mídia radical**: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais. São Paulo: Senac, 2004.

Na busca por maneiras de produzir efeitos esperados, Feldman-Bianco (2016, n.p.) menciona que a sensibilização para causas sociais tem recorrido à comunicação alternativa, já que a grande mídia, comumente, "não se interessa pelo assunto ou, quando se interessa, as questões que aborda não são as mais edificantes." Diante disso, é evidente a importância do posicionamento e da intervenção dos movimentos sociais, por meio de medidas próprias de comunicação. Tal fator pode trazer ganhos sociais, difundindo a diversidade, propiciando benefícios ao movimento em questão e a outros movimentos que recebam a mensagem.

Comunicação Alternativa, Popular e Participativa

A comunicação é elemento central na articulação das práticas sociais (MARTINO, 2009). Percebe-se nos movimentos sociais que a comunicação se faz presente internamente (entre membros do movimento) e externamente (entre membros do movimento e sociedade civil, sociedade civil organizada e outros movimentos sociais). A comunicação popular é um dos mecanismos utilizados pelos movimentos sociais para denunciar abusos da mídia hegemônica e inflações de direitos não denunciados por ela ou mesmo para oferecer outro ponto de vista dos fatos ou abordar pautas novas.

Com potencial crítico-emancipador, como dito por Peruzzo (2006, p. 4), "a comunicação popular e alternativa se caracteriza como expressão das lutas populares por melhores condições de vida que ocorrem a partir dos movimentos populares e representam um espaço para participação democrática do 'povo'." Tendo o "povo" como protagonista principal, essa comunicação torna-se um processo democrático e educativo, sendo um "instrumento político das classes subalternas externar sua concepção de mundo, seu anseio e compromisso na construção de uma sociedade igualitária e socialmente justa." (PERUZZO, 2006, p. 4).

Em um processo da comunicação popular, a mídia tem sido usada em manifestações sociais, por ativistas e movimentos sociais. O acesso às novas tecnologias de informação e comunicação e às possibilidades de comunicação que as mesmas representam repercutiu em significativas mudanças nos modelos de democracia até então conhecidos e praticados. Liberdade de expressão e direito à comunicação ganham maior força com as redes digitais, facilitando a troca de informações, incluindo no fluxo de vídeos, trazendo a expectativa de redução das desigualdades nos meios de comunicação.

A comunicação popular permite "uma expressão da cultura massificada em que prepondera a utilização dos recursos de produção midiatizada de forma a gerar uma visão

outra, alternativa, das visões hegemônicas da nossa sociedade" (CARVALHO, 2012, p. 29). Segundo a autora, esse processo comunicativo possibilita a expansão das informações e reflexões das mídias convencionais, mesmo por conta do poder de voz daqueles que, geralmente, são excluídos do debate público maior. Desse modo, há uma contribuição na exposição de pensamentos de movimentos sociais, que também podem estar entre os produtores, difusores ou usuários da comunicação radical (CARVALHO, 2012).

Conhecedores das estratégias discursivas e buscando as possibilidades de usos, incluindo intervenções a partir do audiovisual, movimentos sociais e pessoas interessadas por suas pautas têm tirado proveito da possibilidade de construção de conteúdo. A mídia dos movimentos sociais (DOWNING, 2010) foi especialmente favorecida com os avanços tecnológicos comunicacionais, exercendo impacto na construção de interações construtivas, segundo o autor.

A partir de tais princípios, neste estudo, são contextualizados dois trabalhos de comunicação alternativa envolvendo ocupações: *Era o Hotel Cambridge* (Eliane Caffé, 2016); *MST repudia assassinatos no Paraná* (MST, 2016), postado no canal do Youtube *videosmst*. A investigação terá base on-line, audiovisual e bibliográfica, abrangendo: comentários no Youtube direcionados ao vídeo do MST; informações dos movimentos e das produções conferidas pelas páginas oficiais ou por entrevistas; informações coletadas nos vídeos analisados; considerações de pesquisadores; informações de reportagem. A metodologia de análise de baseia na codificação / decodificação de Hall (2011).

Codificar e Decodificar

Refletindo a importância do contexto histórico-social lançada pelos Estudos Culturais, na relação entre mídia e sociedade, influenciando os estudos latino-americanos, vale entender o processo discursivo. O discurso dá forma ao dispositivo de enunciação explicado por Verón (2004, p. 173), fazendo parte: a imagem daquele que fala (o lugar que o enunciador se coloca); a imagem daquele a quem se dirige o discurso; e a relação entre enunciador e destinatário proposta no discurso e por meio do discurso. Este último item se conecta à socialidade.

Socialidade é um conceito traçado por Martin-Barbero, considerando os usos da mídia no cotidiano de uma pessoa. Abrange uma das noções de mediação, que apresenta em relação ao estudo da recepção e ao espaço entre produção e recepção, unindo os conceitos de comunicação e cultura, em uma perspectiva própria. Incomodava ao autor a

supervalorização dos meios e o foco no emissor. Considera que o receptor não é passivo, podendo escolher o que acessa e produzir informação, de modo que o emissor não tem total controle da comunicação (MARTÍN-BARBERO, 1997).

Tais aspectos da relação entre mídia e público são nítidos ao observarmos diferentes construções de discursos, em muitos dos quais os interesses políticos podem saltar à mensagem. As ideologias profissionais, como explica Martín-Barbero (1997, p. 299) são "componentes e campo de tensão entre as exigências do sistema produtivo, as regras do gênero, as demandas sociais, e a iniciativa e criatividade". Premências sociais podem ser colocadas em discussão pela mídia, de modo que grupos sócio-acêntricos possam ser contemplados em suas necessidades de conteúdo ou no tocante à sua alteridade.

A abordagem de qualquer identidade é reconhecidamente sujeita às regras da comunicação. Produção e recepção são refletidas por Stuart Hall como momentos essenciais para que a comunicação ocorra. O autor reconhece que os fatos ganham uma narrativa própria antes de se tornarem comunicáveis. No famoso ensaio "Codificação/ Decodificação", Hall (2011, pp. 366-367) explica que "No momento em que um evento histórico é posto sob o signo do discurso, ele é sujeito a toda a complexidade das 'regras' formais pelas quais a linguagem significa."

Codificação e decodificação são práticas diferentes, em momentos distintos, mas que se relacionam. Hall (2011) entende que não há um significado fixo e único, portanto não existe possibilidade de uma leitura fixa e única. Pode ocorrer uma posição de equivalência, de seleção ou de discordância entre os dois momentos na qual a leitura corresponda ou não com o modo de preferência do texto. Tal posição ocorre em determinado momento e com determinado grupo, podendo variar com a passagem do tempo, entre grupos ou entre pessoas de um mesmo grupo.

Hall (2011) menciona três posições de decodificação. A primeira posição é a *preferencial*, posição de equivalência ao modo de leitura de preferência do ponto de vista textual. A segunda posição é a do *código negociado* (*leitura negociada*), na qual se estabelece uma mescla de elementos de adaptação e de oposição, abrindo um espaço para o que podem constituir exceções à regra. A terceira possibilidade é a *oposicional*, sendo possível que o receptor entenda a inflexão conotativa e a literal conferida a um discurso, mas decodifique a mensagem de modo contrário, com base em um referencial alternativo.

A seguir, o filme e o vídeo serão analisados, do ponto de vista da codificação, buscando estabelecer relações entre os movimentos sociais e o fazer fílmico e, do ponto de

vista da decodificação, buscando mensurar e classificar a repercussão audiovisual sobre um movimento social, enquanto receptor.

Era o Hotel Cambridge e movimentos de imigrantes e autóctones sem teto

Era o Hotel Cambridge (Eliane Caffé, 2016) é um filme de criação coletiva por vezes considerado híbrido (documentário + ficção), por vezes, ficção, dada a forma com que insere as cenas reais. "A preparação do projeto levou dois anos e foi gerido por um coletivo que permitiu transformar todo o edifício (que é zona de conflito real) no set criativo da filmagem." (ERA..., 2017, n.p.).

O coletivo responsável pelo filme é composto por: equipe de produção do filme; um grupo de estudantes de arquitetura da Escola da Cidade; pessoas do movimento, que convivem entre si em uma relação intercultural. O movimento de ocupantes envolve lideranças da Frente de Luta pela Moradia (FLM), Movimento dos Sem Tetos do Centro (MSTC) e Grupo de Refugiados e Imigrantes Sem Teto (GRIST), antes que estivessem organizados como movimento social. Conforme informações de GRIST (2017), inicialmente o grupo se reunia para as gravações do filme e, posteriormente, continuou se encontrando, consolidando um coletivo formado por diversas etnias.

A história do filme narra a trajetória de refugiados que dividem com pessoas sem teto uma ocupação na Avenida 9 de Julho, no Centro de São Paulo, no prédio onde se localizava o Hotel Cambridge. "Em meio à tensão diária da ameaça do despejo, revelam-se dramas, situações cômicas e diferentes visões de mundo." (ERA..., 2017, n.p.). O filme trabalha com imagens de várias procedências, fazendo uso de cenas documentais de outros filmes, como dos documentários *A chave da casa* (Stela Grisotti e Paschoal Samora, 2009) e *Blood in the mobile* (Frank Piasechi Poulsen, 2010), tornando visíveis certas memórias de refugiados.

Antes das ocupações pela FLM, o prédio era um ponto de despejo de lixo e também foco de dengue. (BRANDINO, 2017) "Ao chegar lá, a Frente de Luta por Moradia, a FLM, que só ocupa prédios abandonados, colocou aquele edifício em ordem por dentro, deixando-o em condições de receber famílias." (CAFFÉ, 2016). Embora o gesto de ocupar seja uma medida provisória, e o edifício seja um lugar de passagem, a ocupação expõe a luta por moradia (CAFFÉ, 2016).

O filme expõe militâncias cotidianas de brasileiros e refugiados. Carla Caffé considera que o filme tenta "descriminalizar os movimentos de moradia. Eles ocupam para mostrar ao poder público quantos espaços abandonados e ilegais existem no centro da

cidade de São Paulo." (BRANDINO, 2017, n.p.). Nesse contexto, Eliane Caffé (2016) admite que o "filme é, assumidamente, um instrumento de luta para a FLM", trazendo à tona o papel de engajamento conferido ao cinema. Explica que ao assumirem a ideia de realizar todas as filmagens na zona de conflito que representa o prédio, "a pulsação da vida fez com que personagens da realidade fossem interpretando a si mesmos. No resultado, a gente, às vezes, não enxerga onde é ficção e onde é realidade." (CAFFÉ, 2016, n.p.).

O filme se mostra como o resultado de um trabalho que transformou sua própria narrativa, característica marcante do processo de codificação desta obra. Conforme Inês Figueiró, uma das roteiristas, citada por Brandino (2017), a proposta inicial era contar a história de um refugiado congolês, porém, conforme as ocupações foram sendo visitadas, houve uma percepção mais ampla. No interior da ocupação ocorreram oficinas que, ao longo dos meses, levaram ao aprimoramento do roteiro e da direção de arte (ERA..., 2017).

Além das oficinas, com a produção ocorreu o desenvolvimento de melhorias estruturais no prédio, graças à atuação de alunos de arquitetura da Escola da Cidade. Com a coordenação de Carla Caffé, arquiteta, professora na Escola da Cidade e diretora de arte do filme, os estudantes trabalharam no longa exercendo funções na cenografia. Uma preocupação da direção de arte foi que o cenário pudesse permanecer depois do filme, de modo que houve uma busca por equipar áreas comuns do edifício (BRANDINO, 2017). Carla Caffé procurou preservar as caracterizações originais e trazer material cenográfico de "ecopontos", reciclando materiais (CAFFÉ, 2016).

Carmen Silva, coordenadora geral do MSTC, interpreta sua própria história e seu cotidiano no filme. Citada por Brandino (2017), faz uma associação do diálogo produção-militantes com a relação de cumplicidade e confiança. Conta que havia um receio de que a equipe fosse embora quando as gravações terminassem, o que não ocorreu, de modo que o movimento conquistou ativistas. Na lógica de que o engajamento com a produção possibilite novas percepções, e revelando uma decodificação de posição *preferencial*, Carmen revela: "Ver a luta da minha vida na tela do cinema me deu um estalo. Apesar de viver aquilo no dia a dia, a primeira vez que vi, levei um susto, pensando como fomos capazes de fazer isso" (BRANDINO, 2017).

Dentre os resultados obtidos, especialmente com a codificação, pode-se destacar o fato de que foi possível a percepção da contribuição do filme, em sua feitura, para a organização social. Nota-se, também, contribuições do movimento para o filme, visto que seus membros são parte essencial no resultado, atuando no coletivo da produção. Há relatos sobre a transformação pessoal a partir de *Era o Hotel Cambridge* na percepção política dos

envolvidos com a produção, envolvendo tanto a codificação como a decodificação. Além disso, os benefícios da parceria se estenderam, visto que a produção foi acolhida pelo movimento, tendo nele permanecido, mesmo estando finalizadas as filmagens. A articulação em rede foi importante para o desenvolvimento de ações que englobam todas as frentes envolvidas, tanto na produção do filme, como nas pautas políticas dos movimentos existentes, sendo que um deles, o GRIST, teve sua formação intrinsecamente ligada à produção audiovisual.

MST Repudia Assassinatos no Paraná e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

O vídeo *MST repudia assassinatos no Paraná* (MST, 2016) se relaciona a um fato envolvendo o acampamento Dom Tomas Balduíno, em área da empresa Araupel, em Quedas do Iguaçu, Paraná. Foi postado, em 9 de abril de 2016, no canal do Youtube *videosmst*, página oficial do movimento na mídia. Assim como nos demais audiovisuais aqui analisados, uma das pautas de discussão do conteúdo do vídeo é a denúncia da violência da ação policial.

O fato desencadeador do vídeo ocorreu no dia 7 de abril, dois dias antes da postagem, quando houve uma intervenção ao MST, por parte da Polícia Militar do Paraná, acompanhada de seguranças contratados pela empresa Araupel. Tendo resultado em dois militantes mortos e seis feridos, o acontecimento teve repercussão nacional. À parte as reportagens, o vídeo aqui analisado é o único produzido e divulgado pelo MST referente ao ocorrido, abrangendo mais uma forma de o movimento expor o seu ponto de vista referente ao fato.

O vídeo apresenta, na primeira parte, a gravação do depoimento de Miranda, militante do MST no Paraná. Ele recorda os 20 anos do Massacre de Eldorado do Carajás, Pará, no sentido de que a memória não impediu que a Polícia Militar (PM) fizesse uma "emboscada pros trabalhadores aqui na fazenda chamada Rio das Cobras, na qual a terra já tá em discussão judicial na esfera federal, que são terra pública da União, que a polícia nem deveria entrar porque não teve reintegração de posse" (transcrição).

Miranda explica repercussões relacionadas ao fato, inclusive sua percepção quanto a um tom de ameaça presente na fala do comandante da operação. Relata sua indignação diante do ponto de vista utilizado pela Polícia Militar para explicar os fatos e diante dos danos sofridos pelo movimento, que não esperava pela "emboscada", em paralelo com

nenhum dano sofrido pelos policiais. Reforça a importância da reforma agrária e a importância de que a empresa Araupel não permaneça na região.

Após o depoimento, reiterando a fala de Miranda e acrescentando informações novas, surge uma cartela. Por fim, o vídeo expõe exigências do MST à justiça: punição dos responsáveis, executores e mandantes; afastamento da PM e retirada dos seguranças privados contratados pela Araupel; garantia de proteção dos militantes acampados na região; destinação das áreas griladas para reforma agrária e assentamento das famílias acampadas. O filme termina com a frase, por escrito: "Lutar, construir Reforma Agrária Popular!", como uma palavra de ordem do movimento.

O vídeo foi exibido 531 vezes, até o dia 24 de junho de 2017, a partir da plataforma do Youtube. Possui, com base nas manifestações de comentários escritos que se seguiram a ele, uma decodificação preponderantemente baseada nos *códigos de oposição*, pois a visão do público que manifestou opinião, em sua maior parte, não concorda com a mensagem apresentada no vídeo, operando com códigos distintos. Há uma única opinião *negociada*. Possíveis opiniões ligadas a *códigos preferenciais* não foram feitas por escrito, restando, como possibilidade superficial de estimativa, o número de usuários que marcaram a opção "gostei", que, em sua imprecisão, não interessam a essa análise. Foi perceptível que nenhum dos comentários realizados na página do vídeo veio de algum membro do MST ou de pessoa interessada pela militância, de modo que não foi possível trazer para essa análise o impacto deste vídeo para militantes do MST. Tal fator não exclui a importância da iniciativa.

Sendo feito em resposta de repúdio a um evento, o vídeo analisado não apresenta explicações quanto à organização do MST e às suas redes de apoio, mas não deixa de ser educativo, para além do fato narrado, pois aponta para pautas essenciais do MST. Sabe-se que apesar da dificuldade de conexão de muitos dos militantes, o MST e toda a Via Campesina procuram se adaptar às novas mídias e são conscientes quanto à importância do setor de comunicação e à produção de conteúdos audiovisuais, incluindo a Brigada de Audiovisual Eduardo Coutinho. Como exemplifica Xavier (2016, n.p.), "o MST tem um ativo grupo estratégico de comunicação que tem [...] com muita criatividade, por exemplo, a adoção do vídeo como ferramenta de mobilização e formação política".

No Setor de Comunicação, o MST se posiciona sobre qual deve ser o uso da comunicação para o movimento. Acredita que "A comunicação tem um papel central na sociedade na disputa entre hegemonia e contra-hegemonia. Nesse sentido, é essencial que o povo organize seus próprios meios de comunicação para que seja feita a disputa contra-

hegemônica." (MST, 2016, n.p.). O movimento atribui a seu Setor de Comunicação "o papel de construir os próprios meios de comunicação do Movimento, tanto com caráter mais interno quanto mais externo, assim como se relacionar e fazer a ponte entre a organização com os demais meios de comunicação" (MST, 2016, n.p.). Fica evidente que a existência de espaços para a mídia dos movimentos sociais amplia o poder de voz e de interação.

Considerações Finais

Tem-se em vista o potencial de atuação dos conteúdos audiovisuais sobre o imaginário popular referente aos movimentos sociais. Contudo, nem sempre é possível esperar uma mobilização popular para a causa do movimento a partir de um vídeo isolado, como notado a partir da repercussão analisada de *MST repudia...*, pois o engajamento é parte de um processo de formação, identificação, reconhecimento e apoio. Esse fato não exclui a validade e a importância sociopolítica de o conteúdo feito pelo movimento social existir e estar disponível, ampliando a possibilidade de acesso de pontos de vista, favorecendo a diversidade de fontes da informação, podendo contribuir na formação de pessoas interessadas e – chegando ao objetivo de análise desta pesquisa – oportunizando envolvimento dos militantes e melhorias ao movimento.

Ao mesmo tempo em que, enquanto comunicação alternativa, o conteúdo produzido pelos movimentos sociais oferece um ponto de vista não hegemônico dos fatos e pode atrair apoio externo, enquanto comunicação popular e participativa, a percepção interna de membros de um movimento social e a sua organização também são alimentadas pela relação do movimento com a comunicação, incluindo por vídeos. Ao encontro das reflexões do Setor de Comunicação do MST, nota-se a necessidade de movimentos se organizarem na formação de suas próprias mídias, se tornando também agentes de emissão de conteúdo, abrindo um canal de comunicação com a sociedade e com redes de apoio, incluindo outros movimentos sociais. Atuando para a cidadania, o registro videográfico por movimentos se mostra como um meio de denúncia e de defesa a possíveis acusações, além de favorecer a comunicação interna.

A participação de movimentos sociais na formação de conteúdos de comunicação, incluindo produtos audiovisuais, contribui para causas sociais. Tal atuação possibilita a existência de conteúdo que possa ser consultado e servir para experiências de outros militantes, sendo um veículo da voz de um grupo, possibilitando a identificação, de modo que a partir do registro documental de determinados militantes, o grupo se identifique e se

sinta representado. Essa importância deve receber ainda mais destaque ao ser considerado o fato de os movimentos sociais estarem intrinsecamente relacionados a públicos seguidamente esquecidos, vítimas de discriminação e de violação de direitos.

A produção audiovisual, em si, pode representar um espaço de união e transformação de grupos, atuando em melhorias da realidade local, como fica nítido em *Era o Hotel Cambridge*. Com o aumento de possibilidades para a comunicação, espaços são abertos para públicos que nem sempre são adequadamente ouvidos ou repercutidos pela mídia hegemônica.

À medida que ganhe espaço entre diferentes movimentos sociais e entre diferentes membros dos movimentos, a comunicação poderá disseminar, cada vez mais, a identificação, o reconhecimento, o respeito e o diálogo, podendo atuar na união do grupo e na busca por parcerias. Espera-se que seja reconhecida por profissionais e estudiosos das comunicações, por políticos e educadores, bem como pelo restante da sociedade, a importância do apoio a distintas ações ligadas ao incentivo à comunicação popular. Espera-se que, cada vez mais, movimentos, independente de apoios públicos, encontrem meios de se articularem em rede e de realizar uma comunicação efetiva, fator que também influi em sua articulação, expondo percepção, sensação e imaginação, oferecendo, à sociedade e aos movimentos afins, novas percepções sobre distintos assuntos.

Ao melhorar o entendimento de objetivos comuns entre membros do movimento e a percepção do local de fala comum e do posicionamento social compartilhado, somado ao fato de proporcionar empatia e encorajamento com conquistas veiculadas, o audiovisual atua em conjunto com outras possibilidades da militância, conferindo reflexão política e resistência. A produção de vídeos relacionados aos movimentos sociais que envolva a participação de militantes em sua produção pode possibilitar inúmeros ganhos, incluindo o empoderamento do movimento social e o fortalecimento do aprendizado, que poderá aproximar conquistas em torno de causas, como no âmbito dos direitos civis.

REFERÊNCIAS

BRANDINO, Géssica. Era o Hotel Cabridge mostra luta de brasileiros e refugiados por moradia. In: **Caminhos do Refúgio**, 16 mar. 2017. Matérias. Disponível em: <http://caminhosdorefugio.com.br/era-o-hotel-cambridge-mostra-luta-de-brasileiros-e-refugiados-por-moradia/>. Último acesso em: 2 abr. 2017.

CAFFÉ, Eliane. Entrevista concedida a Rodrigo Fonseca. In: FONSECA, Rodrigo. Entrevista Exclusiva: Eliane Caffé. **Revista de Cinema**, 14 dez. 2016. Entrevistas/ Slideshow. Disponível

em: <http://revistadecinema.uol.com.br/2016/12/entrevista-exclusiva-eliane-caffe/>. Último acesso em: 1 abr. 2017.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2002.

CARVALHO, Kely Silva de. As mídias radicais alternativas e o videoativismo: novas ferramentas de mobilização social. In: **II Semana do Audiovisual da UEG** – SAL: Novos Olhares para o Audiovisual Goiano, Goiânia, 2012. Estudos Interdisciplinares em Audiovisual. Anais: Evento, v.2, n.1, 2012.

DOWNING, John. **Parceiros não comunicativos**: análise da mídia dos movimentos sociais e os educadores sociais. Matriz, 2010.

ERA O HOTEL CAMBRIDGE. Sobre. In: **Facebook**, 2017. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/eraohotelcambridge/about/?ref=page_internal>. Último acesso em: 1 abr. 2017.

FELDMAN-BIANCO, Bela. Entrevista concedida a André Aparecido Medeiros. São Paulo, 9 jul. 2016. [Transcrição]

GABBAY, Marcello M.; PAIVA, Raquel. Usos críticos da comunicação blogueira. **XIX Encontro da Compós**. Anais... Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. PUC-RJ: Rio de janeiro, 2010.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 47, maio-ago. 2011.

GRIST. GRIST – Grupo de Refugiados e Imigrantes Sem-Teto. In: **GRIST** – Início, 2017. Disponível em: < http://gristbrasil.weebly.com/>. Último acesso em: 3 mar. 2017.

HALL, Stuart. Codificação/decodificação. In: SOVIK, Liv (Org.). **Da diáspora**: Identidades e mediações culturais / Stuart Hall. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações** – Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria da Comunicação**: Ideias, Conceitos e Métodos. Petrópolis: Vozes, 2009.

MONTENEGRO, André; PIRES, Rui; CAFFÉ, Eliane. **Era o Hotel Cambridge**. [Filme-vídeo]. Produção de André Montenegro e Rui Pires, direção de Eliane Caffé. Brasil/ França/ Espanha, Aurora Filmes/ Tu Vas Voir/ Nephilim Producciones/ Apoio, 2016, 93 min. color. son.

MST. MST repudia assassinatos no Paraná. In: **Youtube**. videosmst. [Vídeo]. Produção do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Brasil, Brigada de Audiovisual Eduardo Coutinho, 2016, 4 min. color. son. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1oUDk75s1zk&t=1s>. Último acesso em: 24 jun. 2017.

MST. Quem Somos – Organização – Comunicação. In: **MST** – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, 2016. Disponível em: <http://www.mst.org.br/quem-somos/>. Último acesso em: 25 nov. 2016.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Revisitando os Conceitos de Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária. In: **XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** - Intercom. Brasília, 2006. Comunicação para Cidadania. Anais: Evento, 2006. Disponível em:

<http://www.unifra.br/professores/rosana/Cicilia+Peruzzo+.pdf>. Último acesso em: 21 mar. 2017.

STEDILE, João Pedro; FERNANDES, Bernardo Mançano. **Brava gente** – A trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de un tejido**. Buenos Aires: Gedisa, 2004.

XAVIER, Juarez Tadeu de Paula. Entrevista concedida a Laiara Perin, André Aparecido Medeiros, Elizabeth Rossi de Grande, Gabriel F. Duarte Barbosa e Yasmin Ribeiro Gatto Cardoso. 7 set. 2016. [on-line]